

SOL

02-03-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 58246

Temática: Cultura

Dimensão: 328

Imagem: S/Cor

Página (s): 42



Com prazo de vida pequeno

Lágrimas na Chuva, novo livro de Rosa Montero, é uma homenagem a Blade Runner

Rita Silva Freire

rita.s.freire@sol.pt

QUANDO a espanhola Rosa Montero começou a escrever **Lágrimas na Chuva** (ed. Porto Editora), romance futurista desenrolado em 2109, tinha como intenção oferecer-se um mundo ficcional onde se pudesse refugiar. Mal imaginava o quanto esse mundo lhe viria a ser útil. Pouco depois de começar a escrever foi diagnosticado um cancro ao marido. Seguiu-se a doença, a morte e o luto. Rosa sentiu que não iria conseguir sobreviver à perda. Foi uma casa em Cascais, comprada em planta pelo casal, que o marido não chegou a conhecer; que a salvou. «Salvou-me a vida. É um apartamento muito luminoso, sem recordações. Foi o meu hospital», contou ao SOL. Foi aí, frente ao mar, que Rosa acabou de escrever **Lágrimas na Chuva**.

Desenrolado numa Madrid habitada por humanos e replicantes, em 2109, este *thriller* é uma homenagem ao romance de Philip K. Dick, **Blade Runner – Perigo Iminente**, bem como ao filme de Ridley Scott. Além dos replicantes e do título **Lágrimas na Chuva** – recorde-se a cena final de **Blade Run-**



Rosa Montero criou um mundo futurista onde pudesse encontrar refúgio

ner –, Rosa Montero pediu 'empréstadas' a K. Dick duas ideias: «São dois conceitos metafóricos potentíssimos: a ideia de que os andróides, que sabem quando é a sua morte e têm uma vida mais curta, representam a nossa mortalidade, e a ideia da memória artificial». Para Rosa, a memória é uma construção imaginária. «Apesar de termos vivido juntos, as

minhas recordações de infância e as do meu irmão não têm nada a ver. Temos pais completamente diferentes. De alguma forma, inventámos o nosso passado. Todos somos construtores da nossa memória».

Em **Lágrimas na Chuva**, Montero criou um mundo onde a paz é precária e a sociedade instável, com os andróides (que morrem aos 35 anos vítimas

de um processo cancerígeno massivo) a serem segregados pelos humanos. As tensões agravam-se quando os replicantes, num acesso de loucura, se suicidam depois de cometerem um assassinio.

O relógio biológico

«Este é o meu romance mais realista. A ficção-científica não se afasta da realidade, aprofunda-a. Falo da condição humana». Como? Através de Bruna Husky, a protagonista, que a escritora vê como a personagem mais próxima de si a quem já deu vida. «Está tão obcecada pela morte como eu, e não sente medo dela mas, como eu, um ódio brutal». É que Bruna, detective replicante contratada para investigar as causas da mortandade, debate-se constantemente com o prazo para morrer: quatro anos, três meses e 29 dias. «A morte é um tema recorrente nos meus livros. E este trata da grande tragédia do ser humano de vir ao mundo, com tanto desejo de viver e desfrutar desta vida maravilhosa, mas com tão pouco tempo. Sempre devorado pela morte que cresce dentro de nós».